

## A AUTONOMIA SINTÁCTICA E A CLASSIFICAÇÃO DOS MONEMAS

Maria João Marçalo  
(Universidade da Évora)

O conceito de autonomia é um dos pontos fundamentais da teoria sintáctica de André Martinet. A teoria sintáctica funcionalista tem sido desenvolvida ao longo das últimas três décadas em obras como A functional view of language de 1962, Studies in functional syntax de 1975 e Syntaxe générale de 1995. Tem ainda uma aplicação à língua francesa em Grammaire fonctionnelle du français de 1979.

Sendo o signo linguístico linear, os elementos que constituem a mensagem sucedem-se no tempo. Tais elementos estabelecem entre si necessariamente relações que permitem ao falante / ouvinte reconstruir a globalidade da experiência. Essa relação entre os monemas pode ser tão arbitrária como os próprios monemas. Ela obedece a uma escolha e é objecto da sintaxe.

A observação do comportamento formal de um certo número de monemas na indicação da sua relação com outros monemas a nível do discurso permite deduzir a noção de autonomia sintáctica, conceito basilar da sintaxe funcional. Partindo deste mesmo conceito Martinet vai distinguir três modos diferentes de os segmentos linguísticos expressarem a sua função, ou seja, três procedimentos sin-

a) O sentido do monema incluir a sua função - autonomia sintáctica.

b) Presença de um elemento específico para indicar a função.

c) Posição ocupada no enunciado.

Os monemas referidos em a), ou seja, aqueles cujo sentido inclui a sua função são denominados monemas autónomos. Martinet defini-os como os que "implicam não só referência a um elemento da experiência, mas também uma relação definida com os outros elementos da experiência a comunicar" (2).

Exemplos: "Ontem fui ao cinema".

"Ontem" é um monema autónomo, a natureza da relação entre "ontem" e o resto do enunciado não depende do lugar que ocupa. Não significa isso, contudo, que a sua posição no interior da proposição seja indiferente ao sentido, o ponto de incidência pode ser alterado. "Vamos almoçar depressa" não é o mesmo que "Vamos depressa almoçar".

A relação de um monema com os restantes, como referido em b) pode ser indicada pela presença de um elemento específico - um monema funcional. Os monemas funcionais indicam a função de outros monemas conferindo autonomia sintáctica àqueles que a não possuem. As preposições são um exemplo de monemas funcionais, permitem expressar as relações dos elementos que acompanham com o resto do enunciado. Quando um elemento da experiência pode estabelecer relações várias com o contexto, revelar-se mais económico assegurar uma expressão distinta de tal elemento, por um lado, e de cada tipo de relações por outro. Suponhamos uma língua em que existisse

um monema com valor de " homem que oratava a acção " e significante [ bak ], outro com valor de " homem que sofre a acção " e significante [ som ], um terceiro de sentido " homem que beneficia da acção " e significante [ tin ]. Em vez de uma única expressão " homem " teríamos nessa língua três formas distintas: em " deuo ao homem " utilizaríamos [ tin ]; em " vi o homem " teríamos de utilizar [ som ] e em " o homem anda " utilizaríamos [ bak ] (3). Se tal acontecesse com todos os equivalentes dos substantivos da nossa língua, teríamos três vezes mais " substantivos " do que em português.

Outro modo de os monemas expressarem a sua função, como referimos em c), é através da posição que ocupam no enunciado. Estes são os monemas dependentes. Os monemas dependentes podem também reconhecer a presença de um funcional para indicar a sua função.

A frase que apresentamos a seguir permita-nos exemplificar os três tipos de monemas identificados com base no critério de autonomia sintáctica:

Exemplo: a) " O João foi depressa à escola ".

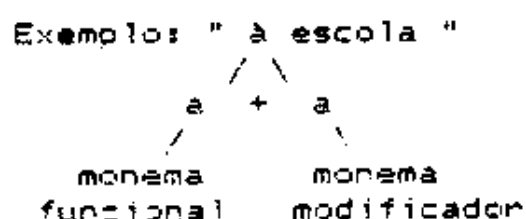
" O João " e " a escola " são sintagmas dependentes, mas enquanto o primeiro tem a sua função indicada pela posição que ocupa no enunciado (antes do nó " foi"), o sintagma " a escola " indica a sua função pela presença do monema funcional " a " que nos aparece amalgamado com o artigo definido " a ", daí resultando " à ".

Como já dissemos os monemas funcionais conferem autonomia aos elementos a que se ligam. " A escola " é pois um sintagma autónomo. " Um sintagma autónomo é uma combinação de dois ou mais monemas cuja função não depende do lugar que ocupa no enunciado." (4)

depressa" é um monema autónomo, não necessita de se fazer acompanhar por um funcional, podemos dizer que a indicação da sua função se encontra integrada. "depressa" equivale se quisermos a um monema funcional + um elemento da experiência (com pressa). A sua posição no enunciado não é pertinente. Poderemos ter a frase: "O João foi à escola depressa."

Quando o próprio elemento - monema, sintema ou sintagma - "transporta" a indicação da sua função, ou seja, a indicação das suas relações com o enunciado, dizemos que goza de autonomia sintáctica ("depressa" e "à escola" gozam de autonomia sintáctica).

Um aspecto que deve ser clarificado é a necessidade de distinguir os monemas funcionais, que são elementos de ligação, exercendo uma acção centrífuga, e os especificadores ou modificadores, que não têm qualquer papel de ligação, limitando-se a especificar o elemento que acompanham, exercendo uma acção centrípeta. Retomemos a frase "O João foi depressa à escola." "O" e "a" são modificadores. Os modificadores devido ao seu estatuto gramatical e pelo facto de amiúde aparecerem amalgamados com os funcionais têm sido com eles frequentemente confundidos.



O monema funcional " a " liga o sintagma " a escola " ao resto do enunciado exercendo assim uma acção centrífuga. O especificador ou modificador " a " só se relaciona com o elemento " escola ", o qual especifica. Desempenha pois uma acção centrípeta.

O critério de autonomia sintáctica, que nos permite fazer a

2) A falta de referência apresentada ao ter validade num dado enunciado.

Um mesmo monema pode assumir-se como autónomo ou dependente confor-  
mente os contextos. Consideremos as seguintes frases:

a) " Sábado vou ao médico."

b) " Sábado é o dia em que o médico dá consultas."

Na frase a) " sábado " é um monema autónomo, em b) é um monema de-  
pendente.

É provável que todas as línguas apresentem os tipos de  
monemas referidos, porém Martinet afirma não querer aver mais do  
que possibilidades de extensão variável de uma língua a outra,  
codando em teoria cada uma delas estar ausente ou não. (5).

Para além destes tipos de monemas temos ainda que  
considerar outro que não é propriamente autónomo mas sim "independen-  
te" - o elemento central do enunciado, o núcleo predicativo  
(6), em torno do qual se organiza a frase e a partir do qual  
outros monemas caracterizam a sua função.

O seguinte esquema resume o que foi dito acerca da classifica-  
ção dos monemas partindo do conceito de autonomia sintáctica:

A	B	C	D	E
MONEMAS INDEPENDENTES	MONEMAS AUTÓNOMOS	MONEMAS FUNCIONAIS	MONEMAS DEPENDENTES	MODALIDADES

A- São o elemento central do enunciado.

B- Indicam por si mesmos a sua função.

C- Indicam a função de outros monemas.

D- A sua função é indicada pela posição que ocupam ou por um  
funcional.

Se a sua função sobre a semântica não tem incidência no aspecto geral do enunciado:

Logo podemos concluir, a autonomia resulta essencialmente da não intervenção da posição na indicação da função. A mobilidade do elemento pode evidenciar a autonomia sintáctica, demonstrando assim que as relações deste com o resto do enunciado não dependem do lugar aí ocupado por ele e não se modificam pelas suas possíveis deslocagens. Retomemos porém um exemplo já referido: "Vamos almoçar depressa" não é o mesmo que "Vamos depressa almoçar". Significa isto que a mobilidade do monema autónomo (sintema ou sintagma) não tendo repercussões sintácticas pode tê-las quanto ao significado global do enunciado. Por outro lado a deslocabilidade pode ser restringida devido a riscos de ambiguidade ou certos hábitos da língua.

A mobilidade deve pois ser considerada um meio de evidenciar, de realçar a existência de autonomia sintáctica e não deve ser considerada um critério de verificação.

(1) « La confiance puesta en el sentido del nombre para indicar su función en el enunciado...» y « La posición respectiva de los elementos del enunciado...» y « La utilización de signos especiales encargados de indicar la función de sus elementos vecinos...». André Martinet, Estudios de sintaxis funcional, Madrid, Gredos, 1978, pp.78/79.

(2) Elementos de linguística geral, Lisboa, Sá de Costa, 1985, p.106. Cf. do mesmo autor La linguistique synchronique, Paris, Puf, 1974, p.193; Syntaxe générale, Paris, Armand Colin, 1985, pp. 124 e 159.

(3) O exemplo é apresentado por Martinet em Elementos de linguística geral, p.107.

(4) André Martinet, Elementos de linguística geral, p.108.

(5) Ver La linguistique synchronique, p.193.

(6) Ver André Martinet, dir., Conceitos fundamentais de linguística, Biblioteca de textos universitários, Lisboa, Editorial Presença, sd., p.154.

BIBLIOGRAFIA

- Armand Collette, "L'autonomie syntaxique en français", La linguistique, Paris, PUF, vol.11/2, 1975.
- François, Frédéric, "De l'autonomie fonctionnelle", La linguistique, Paris, PUF, vol.6/1, 1970.
- François, Frédéric, "La description linguistique", La langue, dir. de André Martinet, Encyclopédie de la Pléiade, Bruges, Gallimard, 1968.
- Martinet, André, dir., Conceitos fundamentais de linguística, Biblioteca de textos universitários, Lisboa, Editorial Presença, sd.
- Martinet, André, El lenguaje desde el punto de vista funcional, Biblioteca románica hispánica, Madrid, Editorial Gredos, 1971.
- Martinet, André, Elementos de linguística geral, col. "Nova Universidade", Lisboa, Livraria Sá de Costa Editora, 10ª ed. portuguesa, 1985.
- Martinet, André, Estudios de sintaxis funcional, Biblioteca románica hispánica, Madrid, Editorial Gredos, 1978.
- Martinet, André, Fonction et dynamique des langues, col. U, Paris, Armand Colin, 1989.
- Martinet, André, dir., Grammaire fonctionnelle du français, Paris, Crédif Didier, 1979.
- Martinet, André, La linguistique synchronique, col. SUP, s.1., PUF, 1974.
- Martinet, André, Syntaxe générale, col. U, Paris, Armand Colin, 1985.